

Dança e ancestralidade: (re) descoberta nos percursos identitários de mulheres negras professoras de dança afro-brasileira

Dance and ancestry: (re) discovery in the identity trajectories of black women Afro Brazilian dance teachers

Ayodellê Abionná Silva Rodrigues¹, Sueli Barros de Ressureição²

RESUMO: O presente estudo centra-se no tema da dança afro-brasileira e seus atravessamentos na vida de mulheres negras ao investigar seu saber ancestral e entender a potência das artes nos seus percursos identitários. Ancora-se nos demarcadores sociais de raça e gênero. Levanta-se a questão de como a dança afro-brasileira se insere na construção da identidade das mulheres negras da cidade de Salvador, Bahia. A pesquisa descritiva de abordagem qualitativa teve como objetivos específicos, descrever desdobramentos da experiência das interlocutoras quando em sua trajetória tiveram contato com a dança afrobrasileira, analisar possíveis atravessamentos desta dança na construção da identidade de gênero e raça das professoras negras de dança afro-brasileira e compreender a relação das interlocutoras com a ancestralidade na sua prática cotidiana de dança afro-brasileira. Foi realizada através de três entrevistas, incluindo a entrevista piloto. Para a produção dos dados, recorreu-se ao Método das Narrativas no qual foi escolhida a técnica de Entrevista Episódica, considerada uma das modalidades de entrevista narrativa. Aspectos que se destacam nas narrativas das interlocutoras: possíveis caminhos para se autoafirmarem frente ao racismo, reflexão sobre o dançar como possibilidade de subversão ao ódio que a sociedade tem diante aos corpos negros e como a dança afro pode conectar o corpo à identidade. Abordando o papel da psicologia nessa temática, insere-se sua importância social na análise e intervenção nas reverberações subjetivas dos efeitos do racismo no psicológico da pessoa negra, com o propósito de abrir possibilidades de buscar referenciais teórico-técnicos que favoreçam a compreensão e afirmação da identidade negra.

Palavras-chave: Ancestralidade; Corpo negro; Dança afro-brasileira; Identidade; Mulheres Negras.

ABSTRACT: This study focuses on the theme of Afro- Brazilian dance and its influences in the lives of black women by investigating their ancestral knowledge and understanding the

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

² Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

power of arts in their identity journeys. It is anchored in the social markers of gender and race. The question arises of how Afro-Brazilian dance developed the identity of black women in the city of Salvador, Bahia. The descriptive research with a qualitative approach had the specific objectives of describing the unfolding experience of the interlocutors when their trajectories had contact with Afro-Brazilian dance to analyze possible crossings of this dance in the construction of the identity of gender and race of the black Afro-Brazilian teachers. To understand Brazilian dance and the interlocutors' relationship with ancestry in their daily practice, three interviews were carried out. For data production, the Narrative Method was used, in which the Episodic Interview technique was chosen as a narrative interview modality. Some aspects that stand out in the narratives of the interlocutors: possible ways to assert themselves facing racism situations, reflection on dancing as a possibility of subverting the hatred society has towards black bodies and how Afro dance can connect the body to identity. Addressing the role of Psychology in this theme, its social importance is inserted in the analysis and intervention in the subjective reverberations of the effects of psychological racism of the black person, with the purpose of opening possibilities to seek theoretical-technical references that favor the understanding and affirmation of the black identity.

Keywords: Ancestry; Black Body; Afro-Brazilian Dance; Identity; Black Women.

Introdução

O presente estudo tem como foco a dança afro-brasileira e como os marcadores sociais de raça e gênero permeiam a experiência de mulheres negras. A dança, para as pessoas negras, é um elemento intrínseco em suas vidas. Historicamente, o povo negro utiliza a dança como meio de celebrar eventos e narrar suas histórias mitológicas, cotidianas e ancestrais. Nesse contexto, o corpo negro que se entrega à dança afirma-se e resiste diante dos preconceitos construídos pela sociedade. O movimento corporal propõe autonomia e liberdade ao corpo, e, segundo essa perspectiva, as expressões culturais da dança possibilitam a conscientização do sujeito (Oliveira, 2006, 2008).

Ao falar sobre o sujeito negro no Brasil, é inevitável não falar sobre racismo e seus efeitos. De acordo com Almeida (2018), o Brasil é um país que tem sua base circunscrita no racismo estrutural, entendido como um processo político, social e histórico que organiza a

sociedade brasileira. Por meio dele, o Estado e as Instituições propagam e mantêm suas relações de poder sobre grupos historicamente discriminados. Na dimensão subjetiva, na construção identitária, segundo Souza (1983), o ser negro no Brasil é ser violentado constantemente. Não existe descanso. A vivência negra é marcada por duas características: a introjeção do Ideal do Ego e do corpo do indivíduo branco; e a invalidação, negação e censura da existência do corpo negro. Souza (1983) nos ensina que a perversa e pavorosa violência racista tem a tendência de aniquilar a identidade do sujeito negro.

Corroborando com o tema, Souza (1983) discorre sobre os desdobramentos do racismo no corpo negro feminino. O olhar depreciativo sobre esses corpos, caracteriza, a mulher negra como feia, inferior e não digna de receber amor. Para Carneiro (2003), as mulheres negras, na sociedade brasileira, não são consideradas rainhas. São vistas com anti musas da população e suas identidades são tratadas como objeto. Além de lutarem contra o racismo, precisam combater a opressão de gênero e o sexismo. Desse modo, essas violências afetam negativamente a constituição do corpo, da identidade e da subjetividade das(os) negras(os). Os sentimentos de inferioridade e incapacidade, diante ao ideal de padrões brancos, ativam na comunidade negra aversão a si próprio e negação da sua raça, que segundo Munanga (1999), a raça é um conceito construído socialmente. De acordo com Veiga (2019), libertar-se do auto ódio e da culpabilidade da situação social, possibilitam ao negro e a negra a ter outro tipo de relação com sua subjetividade, com a comunidade negra e, também com a população branca.

Segundo Francisco (2019), subjetivamente, o racismo distancia o corpo da identidade, restringe os movimentos corporais, e proporciona a censura da voz e do pensamento. Sob essa perspectiva, a(o) negra(o) passa a desenvolver aversão a sua pele e ao seu próprio corpo. Diante esse aspecto, falar sobre o corpo negro e das relações raciais legitima os diferentes

estilos de linguagens corporais e evidencia os registros históricos inscritos nesse corpo afro-brasileiro.

Nesse sentido, desmistificar olhares depreciativos, enxergar o corpo da mulher negra como belo, potente e inteligente, é permitir que a existência negra diaspórica não esteja findada com as amarras e aprisionamentos criados ao longo da história. Além disso, a valorização da cor da pele e o cabelo da mulher negra são aspectos que possibilitam a construção positiva da identidade, uma vez que esses dois aspectos são vistos como uma marca identitária e da preservação da ancestralidade negra (Carneiro & Ferreira, 2014). Conforme Munanga (1999), para entender sobre a questão identitária de um povo, precisamos compreender aspectos relacionados ao psicológico, à história e às línguas compartilhadas.

Através dessa análise, é possível perceber que a construção da identidade afrodescendente, no Brasil, perpassa por fatos que dificultam a consolidação e reconstrução dessa identidade, pois a história da comunidade negra foi preenchida por tentativas de desumanização e boa parte da sua cultura foi destruída e aniquilada por anos de sofrimento e escravização. Porém, mesmo diante a esse cenário, as contribuições das artes, da culinária, os instrumentos musicais, a tradição oral, a estética e as palavras e religiões de matriz africana, são fatores que contribuem para a perpetuação do legado e da construção das identidades e da cultura afro-brasileira (Munanga, 2012, 2019).

Outro aspecto que pode influenciar positivamente nos percursos identitários é a ancestralidade. Conforme Oliveira (2005), a ancestralidade se faz presente como um elemento constituinte da identidade afro-brasileira. A ancestralidade é entendida como categoria que representa a ligação, inclusão, unidade e encontro de um povo. Para Ribeiro (2020), a ancestralidade está circunscrita no passado e é utilizada para entender o presente e projetar o futuro. Conforme a matriz tradicional africana, a ancestralidade nos possibilita entender quem somos e a partir disso entender para onde queremos ir.

Nesta direção, e adentrando sobre a temática corporal, o caminho trilhado entre corpo e ancestralidade se entrelaçam nas danças, oralidades, tradições, ritmos, cantos, lembranças e, através de suas ressignificações, na contemporaneidade, dão valor a herança do pensamento e da cultura africana no Brasil. Tais entrelaçamentos permitem a melhor compreensão da cultura afro-brasileira e conseqüentemente inspiram a construção tanto das identidades das comunidades negras, quanto de histórias individuais das(os) afrodescendentes (Santos, 2009). De acordo com esse ponto de vista, as expressões culturais da dança possibilitam a constituição consciente da pessoa e a possibilidade da construção e perpetuação dos conhecimentos epistêmicos da população negra. Nesse sentido, o corpo negro que dança e que entende os demarcadores sociais que transversalizam sua vida, não permite subjugar-se e subverte-se por estereótipos construídos pela sociedade racista brasileira (Oliveira, 2006, 2009; Tavares et al., 2021).

Nesta mesma perspectiva, Oliveira (2006, 2008) afirma que a dança afro-brasileira pode ser entendida como um legado histórico, cultural que se inscreve na individualidade e coletividade das pessoas negras, delineando ritmo, movimentos e gestos corporais. Corroborando com a temática, Oliveira (2016) apresenta que a dança afro-brasileira viabiliza ao sujeito entrar em contato com temáticas relacionadas aos processos de pertencimento, identidade, gênero e concepção de corpo. O contato com as raízes africanas, possibilitam a elevação da autoestima e fazem refletir sobre o lugar do sujeito na sociedade. Respalhando esse pensamento, a dança afro-brasileira além de ser um elemento de salvaguardar a identidade do povo negro, pode viabilizar a promoção de bem-estar aos seus praticantes.

Ancorando-se na realidade do racismo e da opressão de gênero, levanta-se a questão de como a dança afro-brasileira se insere na construção da identidade das mulheres negras que se tornaram mediadoras do ensino dessa dança. Assim, o propósito foi investigar percursos identitários de mulheres negras professoras de dança afro-brasileira da cidade de Salvador,

Bahia, na sua relação com sentidos atribuídos a ancestralidade e possíveis atravessamentos das experiências com a dança afro-brasileira. Ademais, para guiar o estudo, foram traçados três objetivos específicos: descrever desdobramentos da experiência das interlocutoras quando em sua trajetória tiveram contato com a dança afro-brasileira; analisar possíveis atravessamentos da dança afro-brasileira na construção da identidade de gênero e raça das professoras negras de dança afro-brasileira; compreender a relação das interlocutoras com a ancestralidade na sua prática cotidiana de dança afro-brasileira.

A sua relevância centra-se no debate crítico entre identidade, subjetividade, corpo, gênero e ancestralidade negra, evidenciando as epistemologias negras, pois, de acordo com Carneiro (2005), o epistemicídio vai além da desqualificação e deslegitimação do conhecimento de populações que foram subalternizadas ao longo da história. O epistemicídio dialoga também à permanente imposição da inferioridade intelectual e cognitiva, além da negação da educação de qualidade para a população negra. Além disso, o artigo discute elementos que vão de encontro com os pensamentos pejorativos acerca da mulher negra no Brasil e discorre sobre as potencialidades negras, a desconstrução dos preconceitos e do racismo. Nesse sentido, reconhece e legitima a vivência e o conhecimento epistêmico da população negra. Desse modo, ao promover diálogo entre mulheres negras e a construção das suas identidades sob a ótica da psicologia, esse estudo propôs contribuir para o campo dos estudos da Psicologia Social em diálogo com o contexto subjetivo contemporâneo. Descolonizar a psicologia e evidenciar a construção de uma psicologia antirracista, que há muito tempo vem construindo conceitos e teorias que colaboram para o entendimento da sua população, se faz urgente.

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia [CFP] (2017), a(o) psicóloga(o) deve se comprometer em contribuir para a igualdade racial e realizar ações que auxiliem a atender as necessidades da população negra brasileira. Para além disso, estes profissionais

devem procurar referenciais de técnicas e teorias que abordam a temática racial, ajudando assim, aos seus pacientes a enfrentar as iniquidades raciais que foram construídas ao longo da história. Dessa forma, estudar e enfrentar problemáticas advindas do racismo e discriminação social, precisam ser aspectos presentes na conduta do profissional de Psicologia.

Método

O presente estudo ancorou-se na abordagem qualitativa de pesquisa que tem com foco as experiências de vida das participantes e da maneira com a qual elas atribuem significados (Creswell, 2007). Desse modo, processos subjetivos e experiências pessoais de mulheres negras, foram relacionadas ao contato com a dança afro-brasileira. Esses foram objetos de observação na pesquisa através da investigação de casos únicos.

Buscando coerência com os objetivos propostos, foram realizadas três entrevistas, incluindo a entrevista piloto, com mulheres que se autodeclaram negras, nascidas no estado da Bahia, professoras de dança afro-brasileira, maiores de dezoito anos e com pelo menos 5 anos de experiência lecionando essa dança. Os critérios de exclusão foram definidos pela ausência de representatividade das características definidas para inclusão.

Necessário registrar que entrevistar mulheres que se autodeclaram negras contribuiu para a compreensão da identidade racial do grupo étnico ao qual elas pertencem. Nesse sentido, pode-se valorizar seus direitos de legitimidade, dignidade e reconhecimento da sua história (OIT, 2003 citado por Rios, 2018). Desse modo, as participantes deste estudo puderam contribuir com suas experiências vividas ao longo da vida, ao apresentar suas práticas de trabalho, de ensino-aprendizagem e como a dança afro-brasileira relaciona-se com o seu cotidiano. A determinação estabelecida em relação a idade das participantes foi elucidada, uma vez que tendo mais do que dezoito anos, as mulheres foram responsáveis por suas próprias narrações, podendo autorizar a realização da pesquisa. Os caminhos para contato com as participantes foram dois: A pesquisadora entrou em contato com suas

professoras de dança afro da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) e através de uma lista de nomes disponibilizados por amigas e amigos que conheciam professoras negras de dança afro-brasileira.

Para a produção dos dados, recorreu-se ao Método das Narrativas no qual foi escolhida a técnica de Entrevista Episódica, considerada uma das modalidades de entrevista narrativa. Essa técnica tem como objetivo realizar uma conexão sistemática entre as respostas e os dados relatados. Seu foco está em proporcionar o relato de episódios e situações em que o entrevistado vivenciou (Flick, 2013). Diante disso, é feita uma pergunta disparadora que impulsiona a narração da biografia relatada pelo sujeito em determinado período. Dessa forma, foi possível através do roteiro de entrevista: descrever desdobramentos da experiência das interlocutoras quando em sua trajetória tiveram contato com a dança afrobrasileira, analisar possíveis atravessamentos da dança afro-brasileira na construção da identidade de gênero e raça das professoras negras de dança afro-brasileira e compreender a relação das interlocutoras com a ancestralidade na sua prática cotidiana de dança afro-brasileira. Diante do exposto, este estudo visou desenvolver uma pesquisa de cunho social, onde as interlocutoras foram as principais atrizes de suas histórias.

No tocante à realização das entrevistas, estas ocorreram entre os dias 09 e 10 de junho de 2021, inclusive a entrevista piloto. O procedimento foi realizado por meio de comunicação à distância, na modalidade síncrona, isto é: ambas as participantes estavam online ao mesmo tempo, através de chamada de vídeo pelo celular ou computador por intermédio do aplicativo Zoom. A modalidade à distância aqui escolhida para a realização das entrevistas deu-se devido à crise sanitária do COVID-19, a fim de preservar a saúde das participantes.

Os dados produzidos foram transcritos da gravação, autorizada pelas participantes, e foram analisados com base no método de Minayo (1992 citado por Minayo et al., 2011). Conforme a autora, o foco principal da análise de dados, na pesquisa qualitativa, ancora-se na

utilização de conjuntos de representações sociais e opiniões sobre o tema que está sendo investigado. Para a autora, a análise possui três finalidades: compreender os dados coletados; constatar ou não as hipóteses do estudo; e ampliar a compreensão sobre o tema estudado. Em relação ao estabelecimento das categorias, para estabelecer as classificações, agrupou-se as ideias, elementos e fatos ao redor de um conceito que consiga abranger todos esses componentes. Na interpretação dos dados, buscou-se achar sentidos das falas ou das ações para chegar a uma explicação ou compreensão do que foi descrito. Desse modo, a descrição e análise dos dados podem ser meios pertinentes para uma interpretação. Diante a essa perspectiva, foi estabelecido três passos para a operacionalização da interpretação.

A primeira está relacionada à ordenação dos dados. Nesta etapa foi efetuado um mapeamento das informações coletadas e realizado a apropriação dos relatos narrados, baseado nos eixos temáticos elucidados pelos objetivos da pesquisa, que são: aproximações e experiências com a dança afro-brasileira; percursos identitários relacionados à vivência da dança afro-brasileira; relação da dança afro-brasileira e ancestralidade; questões gerais que transversalizam a vivência das professoras negras de dança afro-brasileira. Nesse sentido, separou-se as perguntas e as respostas coletadas em categorias. O segundo é referente a classificação dos dados, onde este dado foi confeccionado através de indagações feitas sobre o tema e baseadas na fundamentação teórica. Por fim, o terceiro passo é relativo à análise final da pesquisa. Nesta etapa, estabelece-se articulações entre os referenciais teóricos elucidados e os dados encontrados. Desta maneira responder às hipóteses da pesquisa com base nos objetivos geral e específicos do estudo.

O trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tendo sido aprovado sob número do CAAE 46425221.7.0000.0057, na data 19/03/2021, Parecer nº 4.715.946. Após a submissão, as entrevistas foram realizadas

após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorizado também, a revelação dos nomes das participantes pelas próprias entrevistadas.

Discussão e resultados

As narrativas a seguir demonstram processos subjetivos, significados simbólicos e concretos sobre o despertar da dança afro-brasileira na vida dessas professoras negras. Através das narrativas foi possível perceber as belezas, entraves e fortalezas que as vivências femininas negras podem experimentar dentro do universo da dança afro-brasileira. A seguir, será demonstrado os relatos proferidos pelas professoras. A relação delas com a dança afro-brasileira e, a partir disso, as possíveis relações com a construção da identidade de raça e gênero, a dança afro-brasileira e a ancestralidade.

As interlocutoras desse estudo são mulheres que se autodeclararam negras, de idade entre 40 a 58 anos, moradoras de bairros de Salvador e que lecionam a dança afro-brasileira há pelo menos 5 anos. A primeira análise diz respeito à entrevista piloto. Tatiana Campêlo tem 42 anos, é uma mulher preta, mãe, candomblecista e soteropolitana. Além disso, é pesquisadora, bailarina e professora. Tatiana leciona a dança afro e também outras danças de matrizes africanas. Seu contato com a dança afro-brasileira ocorreu devido a sua busca para encontrar referências negras.

O principal motivo que levou Tatiana Campêlo a fazer dança afro-brasileira, foi sua vontade de ir em busca das origens da sua identidade. A interlocutora relata que na sua infância teve dificuldade com a aceitação do seu cabelo e que desejava entender o que fazia parte da sua cultura. Mesmo morando em um bairro majoritariamente negro de Salvador, e tendo uma avó candomblecista, as discussões sobre negritude e empoderamento, na sua infância, eram muito poucas. Diante disso, acredita que esse foi o momento que a entrevistada começou a sentir a necessidade de buscar referências sobre sua identificação e pertencimento enquanto mulher negra. Nesse sentido ela diz

Na verdade, eu quando criança sempre tive muita dificuldade com relação a questão da aceitação com o meu cabelo. Eu acho que tudo começou dessa forma. Eu comecei a entender qual era realmente a minha raiz, o que realmente fazia parte de mim, quanto à ancestralidade que eu não tive [...] Então, eu comecei a partir daí a perceber referências de pessoas que começaram a me mostrar que eu poderia ser muito mais do que aquilo que eu imaginava [...] E aí, quando eu vou nessa busca, eu descobro o Bloco Afro Ilê Aiyê [...].

Segundo Souza (1983, p. 77) “ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração”. Diante disso, é possível perceber que para Tatiana se entender enquanto mulher negra, foi preciso ela se desfazer dos seus antigos referenciais, como por exemplo alisar o seu cabelo, para poder ir atrás dos seus referenciais de identidade negra. Nessa procura, ela encontra como grande referência o Bloco Ilê Aiyê, bloco afro de Salvador, que impulsiona ela a começar a pensar sobre as suas características físicas, costumes e valores culturais comuns dentro da comunidade negra. O bloco, além de ser um marco na história dos blocos afros em relação à afirmação da identidade negra e luta contra o racismo, é um grande referencial da arte e cultura negra em Salvador (Oliveira, 2017). Partindo disso, é possível observar que nesse momento as representações de identidade negra, de gênero e raça começam a ficar mais presentes e conscientes na vida de Tatiana.

No decorrer da entrevista quando foi perguntado a Tatiana o que significa a dança afro para ela, a mesma sorri e diz

Dança afro pra mim é empoderamento, é ancestralidade, é força, é encontro com o seu eu. Quando eu falo do meu, eu falo do que era da minha avó, do que é da minha mãe e do que era da minha bisavó. Então, eu falo do que vem de lá de trás e quando chega aqui, até mim, vai dar continuidade com a minha filha ou com a filha de outras

pessoas, porque eu acho que a dança afro ela vem e vai deixando esse legado. Ela vai passando por várias idades, por várias pessoas, que vão por aí trabalhando e fazendo essa dança se mostrar para o mundo.

A partir da explanação de Tatiana sobre as significações da dança afro-brasileira em sua vida, é possível correlacionar a sua narrativa com o conceito de ancestralidade trazido por Ribeiro (2020). Na medida que se entende que a ancestralidade ultrapassa a árvore genealógica das pessoas e fala mais da integração e do senso de comunidade que as pessoas possuem, compartilhando muitas vezes a mesma raiz histórica, o legado que a ancestralidade deixa para seus sucessores é a simbolização real e subjetiva dos seus valores culturais compartilhados. No momento em que Tatiana compartilha que a dança afro-brasileira representa a ancestralidade, transmitida de suas antecessoras e traçando um caminho para o futuro, sua expressão ressalta a profundidade do conhecimento contido nessa dança. Através dela, por meio do corpo, uma narrativa é tecida. Nesse contexto, ao se entregar à dança afro-brasileira e permitir que essa ancestralidade permeie o corpo de quem dança, a história negra é não apenas evocada, mas também inscrita e marcada no presente.

Contudo, mesmo crescendo profissionalmente, criando assim seu grupo “Arte de Dançar” e impulsionando seus alunos e alunas a estudar cada vez mais, Mestre Gisa relata que ao trabalhar com a dança afro, infelizmente, a pessoa que se dedica a trabalhar com a arte negra sofre muito pela discriminação. Nessa perspectiva ela diz

Agora tem uma coisa, tem muita dificuldade com a cultura, a cultura é muito discriminada. Nem sempre você acha uma porta com esse trabalho de dança afro.

Todo mundo aqui no Brasil dança. Você sempre tem que estar pesquisando, buscando para poder inovar, entendeu? O seu trabalho quando fala de dança afro você já sente que tem várias pedras no seu caminho no sentido da discriminação racial. Eu sempre sofri muito [...] no início era pró Gisa, um atabaque, uma bolsa preta, um turbante

grandão e eu ia de escola em escola pedindo um espaço pra dar aula. Quando eu chegava nas escolas eu sentia a discriminação de algumas pessoas porque naquela época era bem difícil, mas mesmo assim eu não desisti.

A narrativa de Mestra Gisa rememora a discussão de Kilomba (2019), quando a autora discorre sobre a discriminação como uma das características do racismo. Nesse sentido, a discriminação racial coloca o sujeito negro como o Outro, o diferente, o indesejável. Aquele que difere do ideal do branco. Assim sendo, é possível observar como a cultura negra, especificamente a dança afro-brasileira, sofre pela discriminação.

Partindo do relato de Gisa e da análise de Kilomba (2019), é possível perceber que a dança afro-brasileira sofre cotidianamente pelo racismo estrutural arquitetado pela sociedade brasileira, a qual não enxerga essa dança como patrimônio imaterial da arte afro-brasileira (Conrado, 2006). Além disso, a dança afro-brasileira sofre pelos inúmeros movimentos, que tentam esvaziar e desqualificar essa dança como produção de conhecimento histórico e cultural. De acordo com Ferreira (2020), no universo artístico, dificilmente as mulheres são consideradas profissionais, sobretudo se forem mulheres negras. A exemplo disso, destaca-se a narrativa de Gisela que relata que não era aceita nas escolas por ser professora de uma dança de matriz africana.

Quando foi indagado a Mestra Gisa o que a dança afro-brasileira lhe despertava em termos de pertencimento, ela abriu os braços e disse em um tom enfático

Liberdade, liberdade. Eu me sinto liberta! Eu pego meu trabalho de dança e passo para todos. Faço no sentido da liberdade. Quando eu danço, eu esqueço que eu danço. Eu fiz uma pequena cirurgia e o médico disse a mim “você não pode fazer muito esforço porque você é uma pessoa que fez uma cirurgia. Você tá operada”. Mas quando eu começo a dançar, eu até esqueço. E agora eu ganhei até um pouco de peso com essa

pandemia, mas eu sempre faço trabalho de chão. Eu fico assim toda dolorida, mas eu me liberto! Então é uma sensação de liberdade.

Essa narrativa de Mestra Gisa corrobora com o pensamento de Oliveira (2008) quando a autora fala que o corpo negro que se propõe a dançar, permite com que sua autonomia esteja colocada em primeiro lugar. Nesse momento ocorre a manifestação de si, dos seus desejos. Gisela ao dançar se liberta das amarras e esquece, mesmo que momentaneamente, das dificuldades e da dor que o racismo impõe sobre sua vida. Assim sendo, ao dançar Gisela permite emergir os seus sentimentos mais viscerais, aos quais a possibilitam a sensação de liberdade.

A terceira entrevistada, Graziela Silva Santos, é uma mulher preta, de 40 anos, professora de arte, dança e terapeuta corporal. Além disso, é nordestina, nascida em Salvador e católica. Seu primeiro contato com a dança foi através da dança afro. Graziela se intitula autodidata, pois aprendeu a dançar observando sua mãe e suas tias dançarem no Bloco Ilê Aiyê.

Quando foi perguntado a Graziela Santos, qual o papel que a dança afro desempenha na construção da sua identidade, ela relatou um caso de racismo vivenciado na sua adolescência que a paralisou e a partir dessa vivência começou a pensar sobre sua identidade negra

Esse dia foi o ponto ápice de me reconhecer enquanto mulher preta e discutir sobre o assunto e querer entender sobre a minha negritude. A partir desse dia eu passei a frequentar espaços que dialogassem sobre as questões raciais [...]. Depois desse dia eu fui fazer aula e entendi o porquê da dança preta dentro das escolas, porque antes eu só entendia o que era ballet clássico [...] esse dia pra mim foi o marco da minha vida.

Infelizmente, a história de Graziela Santos representa um ponto comum em diversas narrativas de mulheres e homens negros no Brasil. A pele preta é muitas vezes corrompida,

sujeita ao estereótipo da margem, relegada ao porão da sociedade. O racismo não apenas dilacera as vidas dos negros e negras, mas frequentemente paralisa o indivíduo diante de determinadas situações. Munanga (2012) destacou de forma precisa que ao discutirmos a construção da identidade negra, inevitavelmente, abordamos o significado que o tom da pele negra tem para o mundo ocidental, especialmente para as pessoas brancas. A branquitude estigmatiza, inferioriza e dilacera a integridade do negro. Diante dessa perspectiva, a comunidade negra continua compartilhando, até os dias atuais, uma história de dor e aflição vivenciada diariamente por seus corpos negros.

Corroborando com a narrativa Graziela, é possível visualizar a obra de Souza (1983) quando a autora destaca as narrativas dos(as) seus e suas entrevistados(as) e eles/elas falam sobre a vivência negra e o quanto é difícil viver em um país racista. Os relatos, juntamente com a fala de Graziela elucidam que a discriminação racial impacta na vivência das pessoas negras. O racismo vai subjugar, inferiorizar e fazer com que as pessoas negras sempre tenham que fazer a mais para serem legitimadas. Sendo assim, e indo de encontro com o racismo estrutural, Graziela sentiu a necessidade de pesquisar sobre a sua cultura para entender realmente as suas raízes e não deixar com que o racismo e as outras formas de discriminações, falassem por ela.

Diante disso, Graziela percebendo que ser mulher preta é de certa forma um convite para ser alvo das inúmeras atrocidades que o racismo impõe aos corpos negros, ela encontra a dança afro-brasileira como mecanismo de reafirmar a sua identidade. Ressignificando de forma positiva a sua negritude ela diz

Então, a dança pra mim, além de ser libertador, potencializa a minha verdade, a minha ancestralidade. A dança se configura como dignidade, porque existiam outras pessoas que falassem sobre isso. Graças a Deus demorou, mas eu consegui alcançar. Pra que eu pudesse me libertar. Então essa relação da dança afro na minha vida ela veio pra me

consolidar como pessoa que pode, que pode tudo! e não vai ser uma fala que vai me fazer baixar a cabeça pra eu entrar em espaço nenhum. [...] Então, a dança foi importante para eu me compreender como pessoa, como mulher preta, nordestina, estudante de escola pública.

A dança afro-brasileira possibilita Graziela se libertar, legitimar a sua dignidade e a sua identidade negra. De acordo com Tavares et al., (2021), os corpos negros diaspóricos carregam em si uma sabedoria ancestral e, na expressão artística, constroem narrativas que contam sobre si, sobre seu povo e assumem um papel de destaque sobre suas vivências. Perante a isso, corroborando com os ensinamentos de Oliveira (2008), o movimento corporal propõe autonomia e liberdade ao corpo. Desse modo, o corpo negro que se permite dançar, manifesta seus desejos, possibilita o encontro com sua subjetividade e o contato com a sua ancestralidade.

Diante das narrativas das interlocutoras, foi possível observar que seus processos identitários foram potencializados pela dança afro-brasileira. Os motivos para ingressar na dança foram diversos, contudo, as três participantes demonstraram em seus discursos que o contato com essa arte fomentou a busca e afirmação da sua identidade. Potencializou o entendimento enquanto mulher negra que vive em um país que tem o racismo enquanto base que estrutura a sociedade. Nessa perspectiva, a dança afro-brasileira possibilitou com que as três professoras se conectassem mais com seus corpos, e mergulhassem no universo de potência que esses corpos negros simbolizam para a história de sua comunidade.

Além disso, permitiu com que elas estudassem mais sobre o seu passado. A ancestralidade foi o termo que mais transitou nas entrevistas. Esse fato, com sentido concreto e abstrato, permitiu compreender a capacidade que essa categoria tem de conectar o passado, o presente e fomentar o futuro. Para todas as entrevistadas, a dança afro-brasileira permite com que a ancestralidade esteja mais presente em seus corpos. O dançar da negritude viabiliza

uma conexão sentida no corpo. Sente-se de forma visceral que conecta o corpo com algo divino. Vale destacar que essa conexão não é algo relacionado diretamente à religião, mas também, a ancestralidade negra que não é totalmente palpável e concreta. Nesse sentido, o toque dos tambores, as músicas, as vestimentas e as danças são elementos da dança afro-brasileira que fomentam a afirmação dos corpos, a resistência, resiliência e a criação artística negra.

Além das citadas professoras de dança afro, Tatiana Campelo, Mestre Gisa e Graziela Santos, a Bahia abriga outros nomes de grande importância com histórias relevantes na dança afro-brasileira. Destacam-se personalidades como Nildinha Fonseca, com mais de 30 anos de carreira, renomada pesquisadora e professora de danças de matriz africanas. Vânia Oliveira, mulher negra, professora doutora e pesquisadora, que também já foi princesa do Bloco Ilê Ayê, trazendo sua vasta experiência. Outro destaque é Amélia Conrado, professora e coreógrafa especializada em dança afro e danças populares brasileiras.

Com tantos nomes influentes no campo da produção de conhecimento da cultura negra, ressalta-se que na Bahia, especialmente em Salvador, existe uma produção intelectual significativa de professoras negras de dança afro, que continuam a transmitir o legado de resistência e a importância da cultura afro-brasileira.

Conclusão

O escopo desta pesquisa buscou analisar os significados atribuídos à ancestralidade e os potenciais impactos das experiências com a dança afro-brasileira nos trajetos identitários de mulheres negras que atuam como professoras nessa expressão artística na Bahia, um dos estados mais negros do Brasil. Nas narrativas das interlocutoras, um dos aspectos que se destacou profundamente foi a complexidade da experiência de ser negra no Brasil, ressaltando os desafios enfrentados e os caminhos possíveis para a autoafirmação e ressignificação de suas identidades diante dos obstáculos da discriminação racial em suas vidas.

Outro aspecto que também se destacou entre as interlocutoras foi a reflexão sobre o dançar como possibilidade de subversão ao ódio que a sociedade brasileira tem diante aos corpos negros. Ao assumir o protagonismo e perpetuar o legado histórico, as mulheres negras que dançam a dança afro-brasileira permitem a (re)construção das memórias e histórias criadas e cultivadas por elas e pelo povo negro.

Neste contexto, a psicologia desempenha seu papel social ao analisar e intervir nas repercussões subjetivas dos impactos prejudiciais que o racismo exerce no psiquismo do indivíduo negro. O objetivo é criar oportunidades para buscar referenciais teórico-técnicos que promovam a compreensão e a (re)construção da identidade negra, considerando as diversas e complexas realidades raciais e sociais presentes no país (Carone & Bento, 2016).

Em relação às limitações da pesquisa, reconhece-se que o estudo poderia ter sido enriquecido com a participação de um número maior de envolvidos, proporcionando uma variedade mais ampla de dados acerca dos percursos identitários. Destaca-se a necessidade de aprofundamento contínuo nesta temática. Como sugestões futuras, a pesquisa poderá se aprimorar, inclusive, ao incorporar uma abordagem quantitativa. Isso permitiria relacionar e compreender de maneira mais abrangente a interseção entre dimensões de gênero, raça e identidade, no contexto específico da dança afro-brasileira.

Referências

- Almeida, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural?* Letramento.
- Carneiro, A., & Ferreira, S. (2014). Padrões de beleza, raça e classe: Representações e elementos identitários de mulheres negras da periferia de Salvador - BA. *Perspectivas Feministas de Gênero: desafios no campo da militância e das práticas*, 1(1), 1424-1438.
- Carneiro, S. (2003). Mulheres em movimento. *Estudos avançados*, 17(49), 117-133.
<https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>
- Carneiro, S. (2005). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo].
- Carone, I., & Bento, M. A. (2016). *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Vozes.
- Conselho Federal de Psicologia (2017). *Relações raciais: referências técnicas para a atuação de psicólogas(os)*. Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas.
- Conrado, A. V. S. (2006). *Capoeira angola e dança afro: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia* [Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador].
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Artmed.
- Rios, R. (2018). Heteroidentificação e cotas raciais: dúvidas, metodologias e procedimentos. In G. Dias & P. T. Junior (Eds.), *Pretos e pardos nas ações afirmativas: desafios e respostas da autodeclaração e da heteroidentificação* (pp. 215- 249). IFRS campus Canoas.
- Ferreira, L. (2020). Gênero em Perspectiva. In L. Ferreira (Eds.), *Mulheres artistas em pauta: por uma arte acional diversa* (pp. 109-134). CRV.

- Flick, U. (2013). *Introdução a metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes*. Penso.
- Francisco, M. C. (2019). O corpo nas relações raciais: subjetividade na interrelação entre negros e brancos. *Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal*, 6(9), 179-202. <https://psicorporal.emnuvens.com.br/rlapc/article/view/90>.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Minayo, M. C. (2011). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. In M. C. Minayo (Eds.), *Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa* (79-112). Vozes.
- Munanga, K. (1999). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Vozes.
- Munanga, K. (2012). Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 4(8), 6-14. <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/246>.
- Munanga, K. (2019). *Negritude: usos e sentidos*. Autêntica.
- Oliveira, E. De. (2005). *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará].
- Oliveira, N. N. (2005). O corpo e a dança negra no cenário artístico soteropolitano. *Palmares*, 61-63. <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download>
- Oliveira, N. N. (2006). *AGO ALAFIJU, ODARA!: A presença de Clyde Wesley Morgan na escola de dança da UFBA, 1971-1978* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador].
- Oliveira, N. N. (2008). Expressividades corporais autônomas. *Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas*, 9(1), 1-10. <http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/pesquisadanca/NADIR%20NOBREGA%20OLIVEIRA%20-%20EXPRESSIVIDADES%20CORPORAIS%20AUTONOMAS.pdf>.

Oliveira, N. N. (2017). Tentando definir a estética negra em dança. *ASPAS*, 7(1) 34-50.

<https://doi.org/10.11606/issn.2238-3999.v7i1p34-50>.

Oliveira, V. (2016). ARA-ÌTÀN: a dança de uma rainha, de um carnaval e de uma mulher...

[Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia]

Ribeiro, K. (2020). *O futuro é ancestral*. Le Monde Diplomatique Brasil.

<https://diplomatique.org.br/o-futuro-e-ancestral/>

Santos, I. (2009). Dança e pluralidade cultural: corpo e ancestralidade. *Múltiplas Leituras*, 2(1), 31-38.

Souza, N. (1983). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Graal.

Tavares L., Conrado A., Lemos A., Jesus B. De., Tolentino K. (2021). Narrativas diversas nas artes cênicas. In A. Moraes, J. Tea, & P. Fagundes (Eds.). *Corpo negro na dança* (pp.37-53). UFRGS.

Veiga, L. (2019). Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal Revista de Psicologia*, 31, 244-248. https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000